

LITERATURA MOÇAMBICANA: O QUE É?

Fátima Mendonça
(Universidade de Maputo - Moçambique)

O texto de Ana Mafalda Leite, publicado na edição de 26 de Maio da Revista Tempo, provoca, tal como é sugerido na apresentação que dele faz Luis Patrquin, um número infindável de interrogações que, equacionadas, poderão num futuro contribuir para que, com algum rigor e pouco espontaneísmo, se definam alguns dos critérios orientadores de uma formulação, cada vez mais precisa, do quadro em que se move a Literatura Moçambicana escrita em língua portuguesa,

A nossa réplica assume, pois, o carácter de contribuição para uma reflexão, cujo critério de validade é manifestamente precário e provisório, dada a falta de distanciamento temporal que questões desta natureza necessariamente exigem.

Ana Mafalda Leite aborda no referido artigo alguns aspectos que nos parecem interessante destacar, e que por razões de método passamos a enunciar:

- 1 - Necessidade de elaboração de uma teoria poética africana, diferenciada da tradição das poéticas ocidentais também intervenientes no processo de constituição das literaturas em causa, como meio determinante para caracterizar a especificidade de uma literatura nacional em alternativa ao estabelecimento de 'tópicas regional/universalizantes', como vista a essa caracterização.
- 2 - Existência de uma heterogeneidade poética em Moçambique, justificada, em parte, pela permanência de várias culturas para além da europeia, anteriormente e durante a época da colonização, nomeadamente 'o islâmico e o oriental'.
- 3 - Presunção de que essa heterogeneidade poética 'de certo modo define os eixos fundamentais da literatura moçambicana' que se continuarão a revelar após a publicação do Número único de MSAHO (Lourenço Marques, 1952), a saber: 'uma poética de cariz social, ligada às correntes neo-realistas, cuja divulgação se demarca em torno de figuras como Augusto dos Santos Abranches, Afonso Ribeiro, Virgílio de Leros e outra de feição como universalizante, marcada pela estética presencista, de que seriam representantes Cordeiro de Brito e Reinaldo Ferreira.

- 4 - Sugestão de que o caso moçambicano se apresenta rodeado de traços originais que dificultariam a imediata formulação de um conceito como 'moçambicanidade literária', oposto a idêntico conceito quando reetido, por exemplo, a Cabo Verde ou Angola.
- 5 - E por último, a primeira e fundamental questão de se saber como dimensionar a produção literária surgida em Moçambique a partir da década de 40 (excluindo a autora o período anterior, talvez por nele se destacar a produção isolada de Rui de Noronha, exclusão que achamos discutível).

Parece-nos que estes aspectos se podem agrupar em três questões fundamentais, susceptíveis de posicionamentos vários, abrindo, por isso, o campo a uma discussão potencialmente geradora de novos e polémicos elementos de análise. Reduziremos essas questões a três áreas.

- relação entre as marcas nacionais ou nacionalizantes e as marcas de uma poética africana, distinta da europeia, presentes na literatura produzida em Moçambique até 1975.
- identificação do substrato cultural que forja a literatura escrita em língua portuguesa, em Moçambique durante o resto período.
- demarcação das linhas de força dessa literatura.

Procuraremos problematizar estas questões conjuntamente, porque, longe de se afirmarem autonomamente, elas se interligam em relações de ordem vária, que, em última análise, nos poderão conduzir à percepção dos traços mais significativos que orientaram a literatura escrita em Moçambique ao longo de todo século.

Assim, surgem-nos imediatamente algumas dúvidas quanto à eficácia do procedimento que consiste em priorizar, na definição do conceito de 'literatura moçambicana' escrita o estudo da poética africana. Parece-nos que A. Mafalda Leite subestima o fato de a estratégia do colonialista português, através de uma política deliberada de assimilação, ter travado o processo natural de desenvolvimento das línguas africanas de Moçambique que, - veículo de uma diversificada cultura de oralidade - se poderiam ter transformado, num processo de desenvolvimento comparável ao das nações europeias, o suporte inevitável de diversas literaturas escritas. Tal não aconteceu, e como consequência, a língua portuguesa tornou-se o elemento privilegiado do acesso à escrita, ao saber, à cultura europeia - transformada em cultura de prestígio - de uma camada social produzida pelo Estado colonial, no quadro de um objetivo bem definido: obter servidores para o aparelho de Estado e mais tarde fornecer mão de obra para as empresas capitalistas. É dessa camada socialmente híbrida que emerge uma

produção literária que, se démarca, em muitos aspectos, do conjunto de outra produção que com ela coexiste (É esta produção que surge no texto de A. Mafalda como geradora dos eixos fundamentais da literatura moçambicana). Por essa razão não nos parece fundamental a entrada de uma poética africana no estabelecimento do conceito em causa. Só em casos muito particulares de que José Craveirinha é quase o único exemplo - o que A. Mafalda Leite demonstrou de forma extremamente criteriosa na Tese de Mestrado recentemente apresentada na Universidade Clássica de Lisboa - a literatura escrita em língua portuguesa integrou na sua estruturação componentes de uma poética enraizada na literatura oral.

Colocaríamos a questão de forma totalmente inversa, considerando que a literatura moçambicana, escrita em língua portuguesa, se constitui a partir de uma tradição literária europeia em que esporadicamente intervêm elementos decorrentes de um corpo poético enraizado em alguns gêneros da literatura oral do Sul de Moçambique.

Parece-nos pois apressada e perigosa uma opção de estudos que enverede por justaposições do tipo literariedade mais africanidade, se entendermos por 'africanidade literária' o conjunto de códigos estéticos próprios da literatura oral africana, que, pelas razões já apontadas não foram transportados para uma literatura escrita.

Ao tentar precisar os limites que definem a moçambicanidade da nossa literatura, parece-nos mais adequado e rentável justapor literariedade e moçambicanidade. Embora correndo alguns riscos, talvez desta forma possamos questionar com maior pertinência o conceito em causa.

Perguntar-nos: o que nos permite, por exemplo, afirmar que Afonso Ribeiro (citado por A. Mafalda Leite, lado a lado com Virgílio de Lemos) é/foi um escritor moçambicano ou que, pelo contrário, nunca o foi/não é? Servir-nos do caso extremo de um escritor português que, tendo residido em Moçambique, tem toda uma obra profundamente ligada ao neo-realismo português, escritor que é reivindicado pela própria literatura portuguesa como seu. António José Saraiva e Oscar Lopes não demonstram ter qualquer dúvida quanto à inclusão deste escritor no movimento neo-realista português.

Em contrapartida quem se interrogou alguma vez sobre a legitimidade da inclusão da obra de Noémia de Sousa, José Craveirinha e Kalungano na (e apenas) Literatura Moçambicana? A autoridade científica dos críticos citados que, em pleno fascismo não hesitam em considerar estes três poetas como escritores moçambicanos, legitima o que o senso comum estabelece: não há dúvida, é literatura moçambicana, reconhecida como tal pelos diferentes consumidores, desde o leitor comum aos críticos, professores, investigadores, no presente e no passado.

A partir daqui outra questão surge: o que distingue precisamente estes dois conjuntos de todo a que não seja possível integrá-los num só?

É neste ponto que pensamos ser indispensável introduzir um outro elemento, sem o qual todo o questionamento que se possa fazer deste problema se torna, estamos convencidos, pouco produtivo.

Moçambique foi, até 1975, um território colonizado. A literatura produ-

zida neste espaço manteve os seus limites circunscritos à relação colonizador/colonizado, relação que se manifesta em todos os níveis da sociedade e da sua organização. É esse fato que, quanto a nós, determina a heterogeneidade referida por A.Mafalda Leite. É esse fato que decisivamente contribui para que se definam, desde o início, os eixos fundamentais da literatura roçambicana ou, se quisermos, de tendências ou correntes. (Ou serão literaturas paralelas?). É esse fato que torna o caso roçambicano original relativamente não a outras jovens literaturas nascidas da mesma situação particular que foi o colonialismo português mas e apenas às literaturas forradas através de um longo processo de gestação.

Correndo outro risco que é de ficarmos definitivamente incluídos no grupo a que recentemente o crítico (roçambicano, português?) Eugénio Lisboa se referiu como antropólogos de serviço para inventarem e venderem ao preço de uma mijona a falsa mitologia unificante que não está de facto no inconsciente da tribo (Sic) (Comunicação apresentada ao Colóquio sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Paris, Novembro, 1984) destacaremos agora o elemento que consideramos determinante para uma efetiva aproximação ao conceito de roçambicanidade em Literatura: é o Movimento de Libertação Nacional o forjador, por excelência, do conceito de roçambicanidade porque é através dele que a própria nação se começa a construir. Pretender isolá-lo, ignorá-lo quando se tenta caracterizar ou pelo menos problematizar os traços que poderão dar forma a uma literatura com carácter nacional e portanto diferenciada das outras que se estruturam a partir do mesmo material linguístico, é não ter ainda entendido o carácter complexo, contraditório e dramático da formação das nações africanas e, no nosso caso, da nação roçambicana.

É nos escritores que mais fortemente refletem a concepção do mundo produzida pelo universo ideológico determinado pela oposição colonizado/colonizador que este conceito se manifesta de forma mais marcada ou, pelo contrário, se dilui ou se ausenta. (Não nos ocuparemos aqui dos escritores veiculadores da ideologia colonial, em que esse conceito é negado, por não caber essa reflexão no âmbito deste trabalho, embora consideremos ser um campo de estudos a não desprezar).

Por essa razão não foi difícil, no passado, identificar escritores como Noémia de Sousa, José Craveirinha, Kalungano como autores pertencentes a uma literatura estruturada já em torno dessa roçambicanidade cuja definição nos preocupa agora. Tendo embora a sua obra surgido num período anterior à ação organizada do Movimento de Libertação Nacional, ela capta-lhe as possibilidades, anuncia-o, profetiza-o, dá-lhe corpo no espaço de um imaginário que condições objetivas viriam a tornar real.

As grandes interrogações começam a surgir quando nos moveros no corpo flutuante que oscila entre este extremo e o de um Afonso Ribeiro - que se nos apresenta hoje como escritor neo-realista português que, em dado momento, solidário com um povo, o fez protagonista de um dos seus livros, o que, em nossa opinião só o fará entrar na literatura roçambicana a título honorífico.

Onde surge a clivagem? O que a caracteriza? Quem estabelece o conjunto homogêneo?

Na sequência do que temos vindo a expor, atrever-nos-íamos a contrapor à proposta de A.Mafalda Leite, referida no ponto 3, a que resulta da nossa própria posição face à relação imaginário/real e que está na base de toda argumentação anterior.

A clivagem não se produz pela oposição de uma poética ligada às correntes neo-realistas contraposta a outra esteticamente aparentada com a Presença. Estabelecê-la desta forma é transpor, de forma muito linear, a dinâmica do fenómeno literário português para o moçambicano. O fascismo português foi o pano de fundo do confronto neo-realista/presencistas. Mas em Moçambique o poder não era só fascista: era também colonial. Este fato determina aquilo que nos parece fundamental para estabelecer a inevitável oposição: por um lado uma corrente orientada no sentido da moçambicanidade - tal como a procuramos definir diversamente e que aparece representada, com variações e graus de intensidade, em Rui de Noronha, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Kalungano e mais tarde em Jorge Rebelo e Sérgio Vieira. Por outro lado, uma corrente - esta sim heterogênea, representada por estes poetas que, ora se aproximam deste núcleo, ora dele se distanciam. Incluiríamos provisoriamente no primeiro grupo poetas como João da Fonseca Amaral, Rui Kopfly (parte da sua complexa obra), Virgílio de Leros, Orlando Mendes e Sebastião Alba. Integraríamos no segundo grupo Reinaldo Ferreira, Glória de Sant'Anna e Lourenço de Carvalho.

Não atribuímos à nossa proposta outro valor que não seja o de hipótese de trabalho, pista para estudo, base para discussão. O estudo da literatura moçambicana, como literatura autónoma, iniciou-se timidamente há dez anos. Mesmo assim ela surge em vários centros universitários ainda integrada na Literatura Portuguesa ou quando muito nas Literaturas(a) Africanas(a) de Língua(Expression) Portuguesa. Isto significa que fundamentalmente se estudam autores de forma isolada, com incidência para aqueles que tiveram maior divulgação.

Tal como a experiência brasileira já provou, conceitos como o carácter nacional de uma literatura exigem distanciamento temporal e pesquisa apurada de modo a reduzir-se a entrada do subjetivismo na análise. Esse tempo ainda não chegou, principalmente para nós outros, sujeito e objecto simultâneo de estudo de uma história de que somos os próprios protagonistas. Este será sobretudo um tempo de estudo, reflexão, discussão, de polémica, de alargamento de campos de visão, de dúvidas e de interrogações. Será esta atitude que permitirá que, dentro de alguns anos, se comece a estabelecer com maior rigor critérios que hoje ainda se afiguram como nebulosos, vagos e por vezes contraditórios.

Esperamos contudo ter contribuído de alguma forma para alargar uma discussão que nos possibilitará compreender melhor o que fomos e o que somos como Literatura.